CADOMBLÉ E RACISMO RELIGIOSO: A RELIGIOSIDADE E ANCESTRALIDADE COMO FORMA DE RESISTÊNCIA NEGRA.

Autor: Marcos Rodrigues Ferreira[1]

Orientadora: Sandra Suely Lurine Guimarães[2]

Grupo de Trabalho: GT 2 Mãe Meninha do Gantois - Ancestralidade, religiosidade e as cosmopolíticas dos povos latinos.

Palavras-chave: Cadomblé; Resistência; Racismo Religioso.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa discutir a história de formação do candomblé no Brasil e como o racismo religioso promove perseguições e violências das mais diversas formas aos seus praticantes. Busca-se investigar as raízes dessas violências históricas que persistem como formas de eliminação das religiões de matriz africana, por não se enquadrar no modelo judaico-cristão. Deste modo, tratando do processo histórico e lançando um olhar para as vulnerabilidades, discutiremos que o candomblé além de culto religioso, é um ato político que cumpre um papel social extremamente importante na resistência da cultura africana e no empoderamento dos seus praticantes.

METODOLOGIA

O método utilizado é o dedutivo, por meio de uma pesquisa bibliografia, com base em livros, artigos e na Constituição Federal de 1988. Ademais, realizou-se pesquisa de campo que envolveu visitas e entrevistas semi-estruturadas com lideranças do Templo Cristão Afro de Nagô Oxóssi Urucaia, renomado templo religioso de Mina Nagô, localizado no Estado do Pará, na região do Baixo Tocantins.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O candomblé é uma religião de matriz africana, que se adequou e se consolidou na forma que conhecemos hoje, no Brasil. No Brasil essa religião recebeu um formato único, ao contrário da África onde não existe o candomblé, visto que as divindades lá eram cultuadas separadamente de acordo com aldeias ou cidades, por exemplo, Xangô divindade da justiça e dos trovões era cultuado em Oyó, enquanto outros orixás eram cultuadas em outras regiões.

Nesta perspectiva, no período da escravidão, nos navios negreiros eram trazidos africanos de várias regiões diferentes, quando chegavam ao Brasil eram jogados em senzalas juntos, misturando particularidades, culturas, religiosidades, costumes e dialetos. Neste cenário atípico e de terror, ocorre uma união entre o povo negro contra a escravidão que ocasionou a fusão entre os cultos, as divindades que antes recebiam devoção separadamente e de acordo com regiões passaram e integrar um novo formato de religiosidade.

Por volta de 1830, duas mulheres negras reuniram-se para pensar uma nova forma de cultuar os orixás africanos no brasil. Desta forma, são fundadas as casas de candomblé,

---

[1] Concluinte do curso de Direito da Faculdade FACI

[2] Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Pará. Bacharel em Filosofia Pela Universidade Federal do Pará. Bacharel em direito pelo Centro Universitário do Estado Pará. Professora da Faculdade FACI. Membro do Grupo de Pesquisa Filosofia Prática: Investigações em Política, Ética e Direito (CNPq) Orientadora

como um pedaço saudoso da África, em solo brasileiro. Este processo ocorre protagonizado por mulheres, e durante muitos anos homens não ocuparam as rodas de santo, e eram nomeados com cargos específicos masculinos.

O candomblé geralmente é falado no singular, mas na pratica existe uma pluralidade rica diferenciada de cultos. Metaforicamente falando, a designação candomblé seria como uma sombrinha que abarca várias outras formas de culto, que recebem o nome de nações como, por exemplo, keto, nagô, congo, jeje, e muitos outros, cada nação com seus fundamentos religiosos e suas formas de culto.

Durante a escravidão o culto às divindades africanas foi duramente reprimido, era visto como bruxaria e algo perigoso, certamente fruto do racismo religioso. Desta forma, nasce o sincretismo religioso, em um ato de resistência para continuar o culto aos seus orixás e manter viva a ancestralidade, o povo negro passou a adotar santos católicos para não serem punidos em dias de festa, assim no altar era posto a imagem do santo católico em cima e o assentamento da divindade africana em baixo ou enterrado, por exemplo, Santa Barbara representando Oya, São Sebastião representando Oxóssi.

Após aproximadamente três séculos de escravidão, ocorreu a abolição da escravatura. Porém, após esse processo onde pessoas negras foram destituídas de humanidade não houve a implantação de políticas públicas que fizessem a transição e garantissem a inclusão social desses indivíduos, o que ocorreu foi na contramão disso. Assim, os recém libertos foram criminalizados por várias leis da época e a cultura africana foi perseguida e demonizada, gerando um regime de desigualdades que recaem sobre negros até a contemporaneidade.

Com a Promulgação da Constituição Federal de 1988, no seu art. 5°, inciso VI, foi efetivada a garantia de liberdade de crença e o livre exercício dos cultos religiosos. Porém, o histórico de criminalização e demonização de tudo que é produzido pelo povo negro persiste, não apenas como um impedimento de exercer a fé, mas como um projeto de poder.

Invasões, destruição de imagens sacras, agressões verbais e físicas, tentativas de incêndio, e até mesmo tentativas de homicídio foram relatados ao canal que reúne denúncias, disque 100. A análise realizada em 2017 aponta que 37% das denúncias partem de adeptos das religiões de matriz africana, sendo no geral uma denúncia a cada quinze horas, o que configura claramente a manifestação do racismo religioso.

Diante de uma constituição que assegura a liberdade religiosa e de um Estado laico, qual seria o motivo para ainda ocorrer perseguições aos terreiros de candomblé e seus membros? Neste sentido, Sidney Nogueira afirma:

"A categoria 'intolerância' não nos instrumentaliza a perceber o racismo como central na compreensão da perseguição às religiões de matrizes africanas. Além disso, continuamos operando sob o prisma do paradigma cultural europeu". (NOGUEIRA, 2020, p.91). Pode-se compreender a partir da abordagem do autor que o termo "intolerância religiosa" não é suficiente pra abarcar as especificidades da história do povo negro no Brasil, tendo em vista que o país apresenta um histórico escravocrata, e de uma cultura eurocêntrica que marginaliza o que vem do povo negro.

Neste sentido, alinhado a abordagem do autor está o depoimento, obtido por meio de entrevista, de uma das médiuns do Templo Cristão Afro de Nagô Oxossi Urucaia que diz:

> As pessoas dão rosas pra yemanjá e pulam sete ondas, mas chamam o Exu de demônio e tentam nos apedrejar, será pelo processo de embranquecimento que a

> imagem de yemanjá passou no imaginário popular? Afinal, estão acostumados a ver o orixá não na forma negra e africana, mas como uma mulher branca e de cabelos longos. Parece mais "tolerável" o que se assemelha aos padrões de beleza e de culto europeu, mesmo que como uma forma de apagar nossas raízes.

Pode-se notar nas casas de candomblé um profundo respeito pela ancestralidade e orgulho por ser e pertencer ao continente africano, ao ponto de as casas de candomblé serem nomeadas por seus membros como um pedaço da África no Brasil. Em cada canto, vestimenta, oferenda, gesto, saudação e até mesmo na forma de enxergar o universo está presente a referência africana e dos antepassados negros. Nesta perspectiva, Sidney Nogueira afirma:

> Na sociedade do esquecimento e do apagamento, sobretudo de memórias e de corpos pretos, mas também das próprias memórias e dos próprios corpos, é impensável a existência de uma religiosidade que volta no tempo para se compreender e para (re-)existir. (NOGUEIRA, 2020, p.56).

São muitas tentativas de silenciamento e de apagamento da ancestralidade africana nos cultos de candomblé, um dos principais argumentos utilizados para tentativa de novamente criminalizar o culto aos orixás, é a existência de sacrifício de animais nos rituais, constantemente os setores sociais mais conservadores colocam em confronto o direito dos animais e o de liberdade religiosa. Segundo dados de 2017 da Organização para Cooperação de Desenvolvimento Econômico (OCDE) o Brasil ocupa o 6° lugar na lista de países que mais consome carne animal no mundo, não parece contraditório? Por qual motivo o candomblé sofre ataques quando o maior consumo de carne parte da sociedade civil?

Para o candomblé o sacrifício de animais é algo sagrado e este acontece dentro de um ritual respeitoso e cuidadoso, não é permitido que o animal seja sacrificado com requintes de crueldade, e para isso ocorre o treinamento do responsável pelo corte. Cabe ressaltar que o animal sacrificado passa por um período de tratamento que antecede o sacrifício, recebem alimentação e banhos cheirosos. Quando estes animais são criados nos terreiros de candomblé recebem todos os cuidados, pois as divindades não aceitam que seus animais não sejam bem tratados, estes vivem em condições melhores do que o proporcionado pelos locais de abate do mercado capitalista.

Após o ritual, as partes que não forem ofertadas para as divindades, são ofertadas para a comunidade, no candomblé nada é desperdiçado, tudo faz parte do divino. O momento de reunir a família e comer, é sempre de muita alegria, pois a carne do animal não alimenta somente a alma mas também é considerada sagrada e carregada de energia vital.

Nota-se nas casas de candomblé uma reconstrução do espaço ancestral africano, contrapondo-se a lógica eurocêntrica, capitalista e colonizadora. Os terreiros são espaços de resgate e empoderamento, onde se aprende a importância de preservar as raízes e resistir as opressões de um mundo pensado historicamente a partir do cristianismo branco, o que causa desconforto em um país que ainda vive sob o mito da democracia racial e que nega qualquer lembrança de um passado escravocrata.

A perseguição a religiões de matriz africana não ocorrem por acaso, como visto essas casas funcionam como verdadeiros territórios de resistência e neste sentido muito se questiona os ataques aos adeptos brancos do candomblé. Afinal, se a base da perseguição é o racismo o que motiva os ataques aos brancos? Sidney Nogueira afirma:

> O racismo religioso condena a origem, a existência, a relação em uma crença e uma origem preta. O racismo não incide somente pretos e pretas praticantes dessas

> religiões, mas sobre as origens da religião, sobre as práticas, sobre as crenças e sobre os rituais. Trata-se da alteridade condenada à não existência. (NOGUEIRA, 2020, p.89).

Nesta perspectiva, o autor aborda o racismo religioso como um instrumento que atinge não apenas o particular, o individual, mas o todo, buscando eliminar não somente o corpo, mas qualquer símbolo ou lembrança que resgate a ancestralidade e o poder do povo negro, tentando banir um dos aspectos mais importantes da vida de um adepto do candomblé, a resistência pela fé e o orgulho de sua ancestralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a compreensão da formação histórica do candomblé e de seus desafios na modernidade, fruto de pesquisa bibliográfica e de entrevistas com lideranças do Templo Cristão Afro de Nagô Oxossi Urucaia, pode-se concluir que as casas de candomblé além de exercerem atividades religiosas, funcionam como verdadeiros quilombos, onde a cultura e a ancestralidade negra resiste, com valores sociais únicos. Neste sentido, segue na linha contrária ao capitalismo e da lógica eurocêntrica, formando espaços de empoderamento aos seus seguidores, que resistem ao racismo religioso e mantém a ancestralidade africana viva na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Disponível em: <http:www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituição/constituição.htm>. Acesso em: 10 jul. 2020.

BRASIL tem uma denúncia de intolerância religiosa a cada 15 horas. **Revista VEJA**. 18 nov. 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/brasil-tem-uma-denuncia-de-intolerancia-religiosa-a-cada-15-horas/>. Acesso em: 09 jul. 2020.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In SILVA, L. A. M. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília. ANPOCS – Portal das ciências sociais brasileiras, n.2, p. 233-244, 1983. (Série Ciências Sociais Hoje, 2).

LAURO, Marcos. 15 países que mais consomem carne no mundo. **FORBES**, 23 jun. 2018. Disponível em: <https://forbes.com.br/listas/2018/06/15-paises-que-mais-consomem-carne-no-mundo-2/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

NOGUEIRA, Sidney. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólem, 2020. 160 p.

SORIANO, Aldir Guedes. **Liberdade religiosa no Direito Constitucional e Internacional**. São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2002.